

En defensa de la condición Humana

Paulo Suess

São Paulo, SP, Brasil

Para Chris Hedges (Vermont, EUA, 1956) tudo começou na América Latina. “Nos anos 80 havia muita repressão nestes países. Os esquadrões da morte matavam entre 700 e mil pessoas por mês em El Salvador, Ríos Montt massacrava centenas de pessoas em uma cidade atrás da outra na Guatemala. Pinochet derrubou um governo eleito democraticamente e instalou uma ditadura militar suja. As juntas argentinas estavam ocupadas em “desaparecer” mais de 30 mil de seus próprios cidadãos... Era um momento histórico em que os atos repressivos – apoiados pelo governo de meu país – eram tão atrozes e indignantes que eram difíceis de ignorar por qualquer pessoa responsável”. Jovem repórter, quis “buscar sentido ao que estava acontecendo e “dar voz a quem resistia”, cobrindo as guerras na América Central e em uma carreira de duas décadas como correspondente de guerra em mais de 50 países. Recebeu o prêmio Mundial Jornalismo de Direitos Humanos da Anistia Internacional, de melhor jornalista online – 2009 e 2011 – pelo *Los Angeles Press Club* e muitos outros prêmios.

Como essas experiências nas áreas de conflito do planeta mudaram sua experiência?

Estando em guerra como a de El Salvador, e logo depois em lugares como Gaza, Palestina... me vi forçado a confrontar os mecanismos do Império. Como funciona, o que faz e a diferença entre o que faz e o que diz que faz. Quando você está em campo, a ideia de que os EUA têm algum interesse de levar democracia a países como Iraque se revela como uma mentira.

E sim, o trabalho sujo do Império, como uma violência e opressão horrores para obter poder e, em última instância, ganhos econômicos. Ou o roubo de recursos naturais ou a dominação da América Latina, impondo

ditadores como Somoza e Pinochet porque estavam dispostos a oprimir a sua própria gente e permitir que corporações norte-americanas saqueassem os recursos dos seus países.

Minha experiência nesses lugares foi uma espécie de educação, ensinou-me muitíssimo sobre meu país, o que tem sido, o que tem feito, e a disparidade entre o que acreditamos ser e o que realmente somos.

Não sou um pacifista. Creio que há momentos em que a repressão é tão intensa que não resta outra opção. Para mim, a violência sempre é trágica. Mas, ainda assim, há momentos na existência humana nos quais você tem o direito de se defender.

Você descreveu a vida de uma forma freudiana, como uma luta entre Thanatos e Eros...

Freud tinha razão: tanto no nível individual como de sociedade lutamos contra as forças da vida e da morte: Eros, o amor, e Thanatos, o instinto da morte. Creio que, sempre, um dos dois predomina.

Se eu tivesse que descrever a cultura dos Estados Unidos, diria que está obsecada com a morte. Tanto em termos do seu uso de força letal para expandir o Império, como no assalto ao ecossistema, um assalto que tem o potencial de destruir a vida humana em nome da ganância. Hoje, as forças da morte estão encarnadas em companhias como Exxon Mobil, que dão mais importância a seus lucros que à santidade da vida. As pessoas que abraçam a guerra estão, essencialmente, abraçando a morte.

Você poderia nos explicar o que acontece na sociedade dos Estados Unidos e como isso afeta o resto do mundo?

Os EUA se transformaram no que o filósofo político Sheldon Wolin chama de um sistema de "totalitarismo inverso". Não é o totalitarismo clássico: não se expressa através de um demagogo ou de um líder carismático, mas sim através do anonimato do Estado corporativo. Em um regime totalitário clássico há um partido que derruba uma estrutura em decomposição e a substitui com outra estrutura. No totalitarismo inverso temos forças corporativas que se apresentam como leais à Constituição, à política eleitoral e à iconografia e linguagem do patriotismo norte-americano, mas que internamente se apoderaram de todos os temas do poder, deixando a cidadania impotente. Em poucas palavras, levaram adiante um golpe de Estado em câmara lenta.

Dentro do sistema político norte-americano, por exemplo, não há uma forma de votar contra os interesses da Goldman Sachs. Nem Obama nem o Partido Republicano irão desafiar estes interesses. Isso é, essencialmente, aquilo em que nos convertemos. E exatamente porque o cidadão é agora impotente estamos vendo uma canibalização do país: aproximadamente um terço dos norte-americanos vive em uma categoria chamada pobreza ou “próxima à pobreza”. E a situação está cada vez pior.

Na medida em que os sindicatos se desmantelam, desaparecem os mecanismos mediante os quais se defende a cidadania e a classe operária. A sociedade está se convertendo em uma tirania oligárquica, na qual um pequeno percentual controla a riqueza e o poder e escreve suas próprias leis e regulamentos.

Obviamente, parte dos objetivos do Estado corporativo passa por negarmos a habilidade de entender o que está acontecendo. Isso é visível na perseguição a Bradley Manning or Julian Assange do Wikileaks. Isso é visível na recente tomada de dois meses de registros telefônicos da [Agência de Notícias] Associated Press. Isso é visível no uso da Lei de Espionagem contra os que revelam os escândalos governamentais (whistleblowers). Isso é visível no uso de uma lei (FISA Amendments Act) que legaliza retroativamente coisas que nossa Constituição declarava ilegais, com as escutas telefônicas sem ordem judicial, o monitoramento e as escutas a dezenas de milhões de cidadãos.

Sabemos, além disso, que nossa informação pessoal é armazenada para sempre em supercomputadores em Utah e que a seção 1021 do National Defense Authorization Act permite que o Exército capture cidadãos norte-americanos considerados “terroristas” e trancá-los indefinidamente e sem o devido processo em instalações militares.

A linguagem em que estava escrita essa seção dava margem para outras coisas, por isso apelei ao presidente e ganhei a apelação. A administração apelou, e estamos esperando o resultado. Mas todas estas coisas, juntas, indicam que nestes momentos a democracia dos EUA é uma ficção.

Além disso, a situação se vê piorada pelo que você chama de “traição dos intelectuais”...

Os intelectuais se venderam. Encontraram formas de empregar seu talento a serviço do Estado corporativo. Não desafiam as estruturas de poder, escondem-se atrás das disciplinas acadêmicas arcaicas com seus vernáculos,

convertendo-se em figuras que não contribuem para o bem comum nem ao enriquecimento do discurso civil. É uma boa forma de conseguir uma cátedra de 10 anos e um salário de 180 mil dólares anuais na Universidade de Princeton, mas para a sociedade você se torna completamente irrelevante.

E a mídia?

A mídia está completamente corporativizada. Venderam-se. Media dúzia de corporações controlam o que os norte-americanos vêem e escutam, e impõem uma espécie de uniformidade de opinião insossa de maneira muito efetiva. E se você se atreve a falar abertamente sobre as estruturas de poder, como o fazem Noam Chomsky ou Ralph Nader, se você desafia a maneira como estão construídas essas estruturas e desafia o crime e as atividades ilícitas em nível corporativo, você se torna um pária. Você é retirado do sistema e sua voz não volta a ser escutada.

Você fala do "mito do progresso humano"... Por que é tão difícil sair deste paradigma?

Porque esta é a visão utópica. A realidade nunca é um impedimento para o que queremos, que é ter mais e mais sem custo nenhum. Obviamente é o progresso industrial e tecnológico o que está matando o planeta. Essa verdade é extremamente difícil de aceitar para qualquer um, sobretudo para pessoas vivendo no mundo industrializado, viciados neste estilo de vida.

Conhecemos os feitos das mudanças climáticas. Estão aí. E ainda assim, observamos dois tipos de autoengano: uns dizem que a mudança climática não existe, e outros asseguram que poderemos nos adaptar... nenhum dos dois está certo. Minha experiência é de que os seres humanos têm grande dificuldade para entender o quão frágil é o mundo ao seu redor, o quão fácil é o risco de colapso e quão vulneráveis são até que isso ocorra.

O que você espera para os próximos anos?

Creio que veremos mais e mais gente dando-se conta do que está acontecendo. Veremos a ascensão de movimentos como o *Occupy* e um aumento da repressão, tentando destruir toda forma de resistência.

Veremos isso em nível mundial?

O Estado corporativo é mundial, não tem lealdade para com nenhuma Nação ou Estado. Se os trabalhadores do México se organizam para que aumentem seus salários, as fábricas serão levadas para o Bangladesh. A desobediência civil é a última coisa que nos resta. Isso é tudo. A não ser que

possamos reconstruir movimentos que desafiem as estruturas de poder, estamos perdidos.

Artigos do autor: www.truthdig.com/chris_hedges